

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
Instituto de Relações Internacionais - IREL

COPA DO MUNDO DE 2014:
A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA EM PERSPECTIVA

Renata Freitas da Silva

Monografia apresentada ao Instituto de Relações Internacionais (IREL) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais

Brasília (DF)
2010

RENATA FREITAS DA SILVA

**COPA DO MUNDO DE 2014:
A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA EM PERSPECTIVA**

Monografia apresentada ao Instituto de
Relações Internacionais (IREL) da
Universidade de Brasília (UnB), como
requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. José Flávio
Saraiva

**Brasília (DF)
2010**

A Luiz Ricardo Lanzetta,
grande incentivador de meus estudos, projetos e conquistas
pessoais e profissionais.

É com orgulho que termino este aprendizado, certa de que levarei seus
conselhos por toda minha vida.

Agradeço

a minha família, por suportar a distância e compreender
a importância deste curso para mim;
aos professores de um modo geral e a meu orientador em particular, por
me mostrarem com simplicidade o caminho do conhecimento
e do crescimento intelectual;
a meus colegas de curso, tão receptivos e adoráveis;
aos amigos Priscila, Isabella, Estevão, Gabriela, Vanessa e Anne Caroline,
pela amizade que levarei comigo para sempre.

RESUMO

A atual política externa brasileira, marcada pelo ativismo, persegue cotidianamente o alcance do objetivo a que se propôs o atual governo, que é, principalmente, o de inserir o Brasil entre os países desenvolvidos, de forma menos vulnerável, mais desenvolvimentista e com maior autonomia. Para tanto, considerando que as regras e normas que regem o comportamento dos agentes políticos e sociais são insuficientes, ante a complexidade que reveste as relações internacionais, sediar a Copa do Mundo de Futebol representa uma grande oportunidade de o país sede se destacar no cenário mundial, mostrando ao vivo o que a política externa busca demonstrar em suas atividades diplomáticas. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é verificar o nível de prestígio internacional que o Brasil pode alcançar ao sediar a Copa do Mundo de 2014. A pesquisa foi bibliográfica, tendo-se concluído em síntese que, se o evento for bem planejado e se for cumprido o planejamento, o Brasil conseguirá, de forma mais incisiva, aproximar-se do lugar almejado junto à comunidade internacional.

Palavras-chaves: política externa brasileira; futebol brasileiro; Copa do Mundo de 2014.

ABSTRACT

The current activist brazilian foreign policy seeks to achieve the purpose established by the current government which consists mainly in placing Brazil among the developed countries in a less vulnerable and more developed and independent manner. In this sense, considering the rules governing the behavior of political agents are insufficient before the complexity of international relations, hosting the Soccer World Cup represents a great opportunity for the hosting country to be noticed in the international scenario and show "live" what its foreign policy seeks to demonstrate by means of diplomatic activities. Under this perspective, the aim of this paper is to verify the level of international prestige Brazil may be able to reach by hosting the 2014 Soccer World Cup. A bibliographic research has been carried out and led to the conclusion that if the event is well planned and such planning is observed, Brazil may reach the role it desires within the international community.

Key-words: brazilian foreign policy; brazilian soccer; Soccer World Cup.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 FUTEBOL: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO.....	18
1.1 Breve relato das Copas do Mundo e seu contexto.....	21
1.2 Futebol no Brasil e para o Brasil.....	28
1.3 Futebol brasileiro para o mundo.....	30
1.4 Futebol brasileiro para o mundo.....	33
2 FUTEBOL E CULTURA.....	37
2.1 Considerações ideológicas sobre o tema.....	39
3 BRASIL COMO SEDE DA COPA DO MUNDO DE 2014.....	44
3.1 Perspectivas políticas internacionais.....	45
3.2 Perspectivas socioeconômicas nacionais.....	47
CONCLUSÃO.....	52
Referências bibliográficas.....	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comparativo de exportações brasileiras.....	34
---	----

INTRODUÇÃO

Sediar uma Copa do Mundo de Futebol representa, para o país sede, uma possibilidade de destacar-se no mundo, firmando-se no cenário internacional do esporte. Destacar-se significa sobressair-se, por um determinado período, como foco da atenção mundial, ao tempo em que se entra definitivamente na história do esporte.

Mas o interesse dos países não é só nessa área: sediar um evento esportivo mundial envolve o desenvolvimento de uma visão de longo prazo sobre os efeitos que o acontecimento possa causar em todas as áreas. E se esse evento é a Copa do Mundo de Futebol, sua magnitude tende a ampliar esses efeitos, seja porque esse esporte é considerado o mais popular do mundo, logo, deve atrair um número significativamente maior de pessoas, seja porque, no caso do Brasil, o país detém um *know-how* reconhecido e respeitado dentro e fora do continente americano.

Portanto, pode-se dizer que um evento como a Copa do Mundo de Futebol constitui uma oportunidade ímpar para que as relações internacionais trabalhem ainda mais ativamente em prol dos interesses do país, ao mesmo tempo fortalecendo sua política externa.

A palavra “política”, derivada do grego *politikós*, se refere a tudo o que diz respeito ao cidadão, ao público, ao social e ao sociável. Do ponto de vista da atividade, humana, o termo está associado ao poder, o qual foi definido por Hobbes como o meio “consistente para se obter alguma vantagem” e de forma semelhante por Bertrand Russel, como “o conjunto de meios que permitem conseguir os efeitos desejados”. (BIJOS, 1999, p. 2)

A política é conceituada por meio de princípios básicos, quais sejam:

é governada por leis objetivas e a possibilidade de desenvolver uma teoria racional reflete de maneira imperfeita estas leis. O segundo princípio é o conceito de interesse entendido como poder. Este conceito faz a ligação entre a razão que tenta entender a política internacional e os fatos, coloca uma ordem racional no problema da política. [...] o terceiro princípio propõe que o conceito de interesse seja analisado como categoria objetiva válida universalmente. Mas, o tipo de interesse depende do contexto político e cultural de cada nação que compõe o sistema internacional. O quarto princípio trata do significado moral da ação política. Valores morais universais não podem ser aplicados aos atos dos Estados. É importante lembrar também que nações são entidades políticas defendendo seus interesses. [...] o quinto princípio considera que as aspirações morais de uma nação não podem ser consideradas como preceitos que governam o universo. [...] o sexto princípio coloca a existência de uma autonomia da esfera política. As relações internacionais se definem por uma busca constante do poder, essa busca pode ser para mantê-lo, aumentá-lo ou demonstrá-lo. (CARVALHO, 2009, p. 3)

Já a política externa, tanto quanto sua implementação, seu conceito e seus mecanismos de ação passam pelas relações internacionais, pelas construções teóricas baseadas na noção de paradigma e pelo desafio do país de optar entre ser importante ou ser irrelevante para o mundo.

No caso do Brasil, não restam dúvidas de que a proposta de sediar a Copa do Mundo de Futebol significa que o país optou ser importante para o mundo, aliás, tarefa que vem desenvolvendo de forma persistente.

No que se refere às relações internacionais, Ramalho da Rocha (2006) afirma que a participação dos Estados em regimes internacionais exige mais do que a adoção de regras que regulamentam os comportamentos dos agentes políticos e sociais. É mais do que verificar a relação entre custos e benefícios e entre perdas e ganhos das expectativas. Trata-se de um ato que representa, ao mesmo tempo, a personalidade do país e uma forma de interferência nos acontecimentos que estão em curso.

Trazendo a Copa do Mundo de Futebol para esse contexto, pode-se dizer que aí se encaixam as palavras de Ramalho da Rocha, quanto às regras serem insuficientes à atuação de agentes políticos; a oportunidade é um fator fundamental. Por isso, sediar a Copa do Mundo, sendo o futebol um dos elementos de identidade do Brasil, é impor ao mundo, durante o período do evento, a personalidade brasileira e demonstrar a respectiva cultura.

A Copa do Mundo representa um dos meios pelo qual as relações internacionais do país podem ganhar um maior impulso. Elas podem se valer desse meio para engendrar novas formas de estreitamento com outros países.

No caso do Brasil, o futebol, como um esporte, destacou-se por si só, sem que fosse necessária a intervenção estatal direta para a abertura de sua atuação lá fora. Em outras palavras, não há fronteiras para o esporte; ele consegue elevar o país a um *status* superior em sua visibilidade.

Na interação com outros Estados, estruturas e agentes se constroem na permanente interação, seja pela visão racionalista, seja pela construtivista. A primeira tem como premissa a racionalidade instrumental dos agentes, que buscam conformar e utilizar as estruturas institucionais para aumentar a capacidade deles de fazer avançar suas preferências. A segunda enfatiza as normas e as instituições internacionais de forma tal, que as expectativas, a identidade e as diversas construções da realidade internacional produzidas pelos agentes, inclusive seu próprio lugar e seu significado, ficam condicionados pelos valores. Nesse processo, independentemente da visão, as estruturas e os agentes não são autônomos, pois sofrem a influência uns dos outros. Estruturas, de certa forma positivadas, e agentes vão se constituindo mutuamente e evoluem de forma dinâmica,

transformando-se, mudando o curso do mundo e estabelecendo meios de evolução para as próprias relações internacionais. Dessa forma, a questão não é explicar fenômenos e sim entender sua essência, para compreender seus conceitos. (RAMALHO DA ROCHA, 2006)

A realização da Copa do Mundo pode ser vista na perspectiva racionalista, na qual as estruturas institucionais são potencializadas para que os agentes possam fazer avançar as preferências e os interesses do Brasil.

Quanto às construções teóricas das relações internacionais e sua associação a um paradigma, a crescente afirmação do capitalismo e a mundialização das relações fizeram com que as perspectivas passassem a ser compreendidas numa visão mais global e sem barreiras ideológicas.

O paradigma do transnacionalismo, do multicentrismo ou do pluralismo, chamado modelo da interdependência, surgido no final na década de 60 (século XX), tornou claro que, para as relações internacionais, o desenvolvimento das tecnologias da comunicação em massa e o poder das empresas transnacionais são tão importantes quanto a dimensão econômica mundial. Assim, desenvolve-se a noção de que as relações internacionais envolvem-se não só em conflitos, mas também em formas de cooperação. Com isso, com o Estado cada vez menos soberano, com o surgimento de novos atores intergovernamentais, transnacionais e supranacionais e com o rompimento das fronteiras, são desenhados novos modelos teóricos de interpretação das relações internacionais. (OLIVEIRA, 2001)

Sobre o desafio dos países de optarem entre ser importante ou ser irrelevante para o mundo, Magnoli *et al.* (2000) afirmam

que a opção de pertencer ao núcleo de Estados relevantes pode não se concretizar, porque o destino dos países depende da mobilização da sociedade na definição dos interesses nacionais no longo prazo. Esses interesses incluem temas fundamentais da agenda doméstica, como estabilização econômica, consolidação da democracia, efeitos da abertura comercial e atenuação dos problemas sociais. Por sua vez, o mundo não espera que os países resolvam seus problemas internos, ou seja, os países devem lidar, ao mesmo tempo, com suas frentes internas e externas, para não ficar à margem dos processos políticos, econômicos e sociais que estão em curso no mundo.

A realização de uma Copa do Mundo pressupõe que o país-sede esteja em equilíbrio quanto a suas questões internas e externas, pois problemas internos (como por exemplo: falta de segurança, infraestrutura precária e violência) se refletem diretamente nas relações externas. A FIFA faz exigências nesse sentido quando da escolha dos países para sediar uma Copa.

Segundo divulgação do Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros (ADB), de março de 1994, o maior problema encontrado na política externa do Brasil foi a ausência, “há mais de quinze anos, de um projeto nacional de desenvolvimento”. Nos governos militares, principalmente no governo do Gal. Geisel, havia um projeto nacional autoritário, do ponto de vista político, e excludente, do ponto de vista social. Em 1994, a política externa desse período persistia, apenas adequada às novas realidades de forma empírica. (ALMEIDA, 2002)

Diante disso, a proposta democrática e popular que tentava alcançar o governo iria buscar, ao mesmo tempo, a inserção soberana do Brasil no mundo e a modificação das relações de força internacionais, visando contribuir para a construção de uma ordem

mundial mais justa e democrática. As áreas-foco da futura política externa eram a América Latina e o Mercosul, sem deixar de enfatizar as relações internacionais voltadas para a cooperação econômica e para os domínios científico e tecnológico, além da elaboração de uma agenda política específica nesse sentido. A proposta da nova política externa brasileira ainda incluía iniciativas internacionais, como a discussão das dívidas externas dos países periféricos, proposições de solução para a fome e a miséria no mundo. (ALMEIDA, 2002)

Passados os primeiros anos desse governo popular e democrático, o governo Lula, Almeida (2004, p. 3) avalia o seguinte: levando em conta os últimos quatro governos brasileiros (dois de Fernando Henrique Cardoso e dois de Luíz Inácio Lula da Silva), parte do discurso do governo atual se volta para estabelecer as diferenças entre a posição e as políticas do governo FHC e as do governo Lula. Nesse último, a diplomacia foi considerada “ativa e altiva”, por trazer a marca de um ativismo – “doutrina que faz da atividade a essência da realidade”¹, o que é claramente demonstrado pelas inúmeras viagens e visitas bilaterais do Presidente e do chanceler, feitas tanto internamente quanto ao exterior.

Além disso, há a intensa participação executiva e técnica do governo na maioria dos foros mundiais relevantes. Essas participações e visitas exigem engenho e arte por parte da diplomacia brasileira, cujo preparo profissional é reconhecido internacionalmente. A grande maioria dessas iniciativas “se situa na vertente das negociações comerciais internacionais e na busca de uma ativa coordenação política com atores relevantes da política

¹ Conforme FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda 2002, p. 222.

mundial, geralmente parceiros independentes no mundo em desenvolvimento [...]".(ALMEIDA, 2004)

Para Amorim (2005), a atual política externa brasileira tem uma postura assertiva em defesa da soberania nacional e da igualdade. A ação diplomática "é nacional sem deixar de ser internacionalista"; constitui um instrumento de apoio ao projeto de desenvolvimento social e econômico do país.

Lula [...] sempre adotou uma postura extremamente pragmática. Seu pragmatismo caminhou, inclusive, para a adoção de práticas que eram identidades de seus adversários, muitas vezes "roubando" as marcas alheias, o que acabava por diminuir a margem de manobra de muitos opositores. Garantia sua sustentação política e, logo depois, caminhava na direção da base política das forças adversárias, deslegitimando as forças oposicionistas. A política interna do Presidente Lula parece adotar o mesmo estratagema. E, possivelmente, a política externa, ao menos no que diz respeito à América, segue o mesmo percurso. (RICCI, 2009, p. 2)

Saraiva (2005) definiu a política externa do governo Lula como realista, universalista e pragmática. Para esse autor, Lula corrigiu os rumos dessa política, atendendo a um princípio mais autônomo e mais desenvolvimentista de inserção do país no sistema internacional de forma menos vulnerável para o Brasil. A diplomacia do governo Lula não está tão centralizada no Presidente da República como era antes. A diplomacia presidencial foi substituída por uma diplomacia de interesses, cuja defesa é realizada por meio de uma ativa coordenação política.

Um país, quando se propõe a sediar uma evento grandioso como a Copa do Mundo de Futebol, não tem como interesse somente o foco do evento em si, no caso o futebol. Há, por trás de tudo, interesses maiores que exigem uma coordenação efetiva e eficaz com o objetivo do evento, sem que a diplomacia se perca da linha geral adotada em sua política externa.

A diplomacia busca privilegiar, além da autonomia, a contestação moderada e propositiva, as alianças estratégicas adequadas ao peso do país - principalmente em relação aos grandes países em desenvolvimento -, a integração e a liderança sul-americana e, ainda, uma campanha em prol da dimensão social. Se para a classe média da sociedade a luta contra a fome pode parecer ingênua, para os países africanos, ela tem uma grande significação. A atuação do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC), a constituição do G-3, o apoio político e material a países em dificuldades, bem como a constante oposição à guerra foram ações de grande impacto sobre a comunidade internacional. Com elas, o Brasil não só alcançou um espaço político de destaque, representando a inovação nas relações internacionais, como se colocou no centro de um movimento político que visa à conquista de um assento definitivo no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Para Vizentini (2006), o fato de países como a Inglaterra, a China e a França apoiarem a candidatura do Brasil a essa cadeira representa um reconhecimento da importância da diplomacia brasileira.

Pode-se dizer que esse reconhecimento também foi expresso na área dos esportes: primeiro, o Brasil sediou, pela primeira vez, os Jogos Pan-Americanos; em 2014, vai ser a sede da Copa do Mundo de Futebol, e em 2016, das Olimpíadas.

Associando o desempenho externo do país a suas vitórias na área do esporte, este trabalho tem como objetivo verificar o nível de prestígio internacional que o Brasil pode alcançar como sede da Copa do Mundo de 2014.

O tema é relevante, porque destaca o aspecto subliminar das propostas políticas, que é o interesse não declarado do país. Com

isso, demonstra-se a articulação política realizada pelo governo e órgãos diplomáticos.

O tema também é oportuno, porque o Brasil já se volta para o evento de 2014, iniciando os preparativos estruturais solicitados pela Comissão da FIFA.

O trabalho foi desenvolvido com base em uma pesquisa bibliográfica, consultando-se publicações específicas sobre o tema e artigos disponibilizados na Web.

A pesquisa teve como limitação a escassez de material publicado sobre o futebol, pelo menos no que se refere aos objetivos deste trabalho, envolvendo descrições de eventos futebolísticos no Brasil e no mundo. Por isso, a parte descritiva do trabalho foi praticamente elaborada com base em artigos da Web, cuidando-se na seleção dos sítios.

A monografia foi estruturada em três capítulos: no primeiro, descreveu-se a história do futebol, incluindo um relato das Copas do Mundo realizadas até então, o futebol do Brasil e do mundo e a representação do futebol brasileiro para o mundo. No segundo, apresentou-se o esporte na perspectiva contemporânea. No terceiro, abordou-se a Copa de 2014 e analisou-se o possível ganho do Brasil com o evento de 2014.

1 FUTEBOL: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

Embora não sejam seguras as informações sobre a origem do futebol, foram descobertos registros de jogos de bola em várias culturas antigas, demonstrando o interesse do homem pelo esporte com esse tipo de objeto desde os primórdios. Não se tratava, ainda, de futebol, uma vez que eles eram praticados sem definição de regras. (BRASIL/MC, 2009)

Por volta de 3000 a.C, na China Antiga, militares praticavam um jogo com bola, num treino militar. Findas as guerras, formavam-se duas "equipes para chutar a cabeça dos soldados inimigos." Com o passar do tempo, a cabeça dos inimigos foi substituída por bolas de couro, cobertas com cabelo, e o objetivo era passar a bola de pé em pé sem deixá-la cair, conduzindo-a para dentro de duas estacas ligadas por fios de cera. No Japão antigo, havia um esporte semelhante ao futebol atual, chamado kemari. Era praticado por funcionários da corte do imperador, sendo a bola feita de fibras de bambu, tendo como regra básica a proibição contato físico entre os jogadores. Na Grécia, no século I a.C., foi criado um jogo chamado episkiros. Os soldados se dividiam em duas e jogavam num terreno retangular. Em Esparta, a bola era feita de bexiga de boi cheia de areia. Ao dominarem a Grécia, os romanos entraram em contato com esse esporte e o assimilaram, praticando-o de forma mais violenta. (SP, 2008)

Na Idade Média, há registros de um esporte semelhante ao futebol, jogado com muita violência. Era praticado por militares divididos em duas equipes, atacantes e defensores, sendo permitido o uso de socos, de pontapés, de rasteiras e de golpes violentos. Chegava a haver morte de jogadores durante a partida. Na Itália, esse jogo foi proibido devido à violência, mas chegou à

Inglaterra, onde foi organizado, sistematizado e ganhou regras claras e objetivas. Em 1848, em Cambridge, ficou estabelecido um código único de regras para o futebol. (SP, 2008)

Em 1863, foi criada a *Football Association* na Inglaterra, em uma reunião com representantes de 21 clubes. Regras baseadas no código de Cambridge foram implantadas, sendo eleito o primeiro presidente da associação.

Em 1871, surgiu a figura do “guarda-redes”, conhecido atualmente como goleiro, como o único jogador “que poderia colocar as mãos na bola”; ele devia ficar perto das traves e evitar a entrada da bola. Posteriormente, foi estabelecido o tempo de jogo, foi criado o pênalti como punição para faltas dentro da área e por fim, em 1907, criou-se a regra do impedimento. (SP, 2008)

Em 1904, as associações de futebol da França, da Bélgica, da Dinamarca, da Holanda, da Espanha, da Suécia e da Suíça, reunidas, criaram a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA).

Ao longo do tempo a FIFA começou a expandir a sua influência pelo mundo, em 1909 a África do Sul se tornou a primeira nação não européia a se juntar a FIFA, Argentina e Chile entraram em 1912, e Estados Unidos e Canadá entraram em 1913. (QUADRO, 2010, p. 3)

Paulatinamente, mais países foram aderindo ao esporte e, conseqüentemente, filiando-se à FIFA. Quando de sua instituição, a FIFA criou a Copa do Mundo de Futebol, “um campeonato masculino realizado a cada quatro anos”. (REVISTA DUPLIPENSAR, 2009, p. 1)

Por sua vez, Jules Rimet, presidente da Federação à época, criou e mandou confeccionar uma taça em ouro, a qual posteriormente recebeu seu nome. A taça representava uma vitória alada, que tinha sobre a cabeça um vaso em forma de copa. Na

base, havia placas com o nome das seleções vencedoras. (CUPS, 2010) Esse troféu ficaria sob a guarda do país cuja seleção fosse vencedora da Copa até que outros se sagrasse campeão na Copa seguinte.

Ao longo dos tempos, o futebol foi se tornando cada vez mais popular, devido à forma simples de jogar: uma bola, equipes de jogadores e traves; em qualquer espaço, crianças e adultos podem improvisar áreas para esse jogo. Jovens de várias partes do mundo começam cedo a praticar o futebol.

Com isso, os eventos da Copa tornaram-se objeto de desejo dos países que ambicionavam sediá-los. Os países interessados devem se candidatar, e o Comitê Executivo da FIFA analisa as condições dos candidatos quanto à infra-estrutura, aos estádios, à segurança, ao turismo e outros.

Além disso, há fatores políticos envolvidos, como por exemplo, “os governantes vislumbrarem a propaganda de seu regime e de seu país” nesses eventos. Nesse sentido, cita-se:

Com o resultado da expansão militar e das Olimpíadas de 1936 a Alemanha não teve sequer um voto para sediar a Copa do Mundo de 1938. Os nazistas não pouparam esforços para fazer das Olimpíadas propaganda do regime. (REVISTA DUPLIPENSAR, 2009, p. 3)

Dessa forma, entende-se que a Copa do Mundo de Futebol, tal como outros eventos esportivos, não está desassociada de interesses diversos por parte do país-sede, nem tampouco das condições internas vividas por ele.

Um país que se interesse em sediar a Copa do Mundo deve apresentar sua candidatura ao Comitê Executivo da FIFA, composto por 24 membros. Eles analisam a infra-estrutura, a segurança, os estádios, turismo e outros, antes de decidir se o proponente tem ou não condições de sediar o campeonato.

1.1 Breve Relato das Copas do Mundo e seu Contexto

A primeira Copa do Mundo “só foi realizada após a reconstrução da Europa dos destroços da Primeira Guerra Mundial.” O Uruguai, que comemorava 100 anos de sua independência, foi escolhido como país-sede para a Copa de 1930, apesar de os europeus protestarem, querendo seu continente como sede do evento. Houve boicote, e o evento foi praticamente transformado em um torneio pan-americano. O Uruguai, que já era bicampeão olímpico na modalidade, ganhou o título da FIFA. (QUADRO, 2010)

Em 1934, a Copa foi realizada na Itália, com apenas três seleções americanas, entre as 16 que disputaram. Houve boicote do Uruguai, em resposta ao sofrido por esse país em 1930. Na Itália, que vivia o regime fascista, Benito Mussolini viu na Copa um “excelente veículo de propaganda de suas ideologias”, e chegou até a assistir a maioria dos jogos. A Itália sagrou-se campeã. (QUADRO, 2010)

A França foi sede da Copa de 1938, apesar dos protestos da Argentina e da iminência de outra guerra mundial. Mas o sucesso comercial do evento anterior fez com que fosse mantida a opção pela Europa, ignorando-se o rodízio entre os continentes. Do continente americano, somente as seleções de Cuba e do Brasil participaram; as outras mostraram-se solidárias com a Argentina e não participaram. A Itália sagrou-se bi-campeã, mas o Brasil se destacou com a vice-artilharia de Leônidas da Silva. Mas

A política influenciou de vez a Copa: a Guerra Civil Espanhola, uma *avant premiére* da Segunda Guerra, mutilou a 'Fúria'; O público francês vaiava os jogadores italianos e alemães quando estes faziam as saudações fascistas; a *squadra azzurra* mudou seu uniforme para preto, cor oficial do fascismo; e no escudo alemão, a indefectível suástica. (QUADRO, 2010, p. 5)

As Copas de 1942 e de 1946 não foram realizadas por causa da Segunda Guerra mundial, que matara mais de 100 milhões de pessoas; a Europa estava destruída.

A Copa do Mundo de 1950 foi no Brasil, não atingido pela Guerra. O país vivia, então, sob o governo do monetarismo antidesenvolvimentista de Eurico Dutra, com os vestígios da Era Vargas ainda moldando a sociedade brasileira. Havia necessidade de um projeto nacional que mudasse o atual estado, e a construção do Maracanã expressou essa necessidade. (SOUTO, 2010)

Ao construir uma representação extremamente peculiar da Copa de 50, os jornais e os jornalistas dos principais jornais, principalmente, do Rio de Janeiro, então capital do país e sede principal do mundial, elaboraram uma idealização própria daquele momento e do papel que eles próprios deveriam desempenhar naquele contexto. É importante salientar que, se essa elaboração tinha simbolismos próprios e também se encontrava encharcada pela ação dos demais atores sociais. (SOUTO, 2010, p. 5)

Segundo Perdigão (1986), a vitória da seleção brasileira iria cumprir uma função simbólica, pois era uma oportunidade para o Brasil mostrar-se ao mundo, competindo com os países mais desenvolvidos e, principalmente, vencê-los.

Mas o Uruguai venceu e consagrou-se bi-campeão da Copa do Mundo Jules Rimet.

A Suíça, que tinha ficado de fora da Segunda Guerra, sediou a Copa de 1954. Social e politicamente, comemorava-se o cinqüentenário da própria FIFA, cuja sede era em Zurique. Nesse evento, pela primeira vez os direitos de transmissão dos jogos foram negociados para rádio, TV (ao vivo para oito países) e filmagem, saindo daí o primeiro filme oficial de uma Copa do Mundo de Futebol. A Alemanha Ocidental foi a campeã. (MUSEU, 2010)

A FIFA decidiu realizar a Copa na Europa outra vez, e a Suécia foi sede do evento em 1958, sob protestos dos países sul-americanos. Foi a primeira Copa a ser televisionada totalmente. Pela primeira vez, seleções da Ásia e da África participaram do torneio classificatório, na disputa por uma vaga, mas problemas políticos também já se mostravam: Turquia e Sudão se recusaram a jogar com Israel, e a Indonésia também se recusou a jogar em terras de Israel. O Brasil, considerado a melhor equipe, sagrou-se campeão da Copa, já se destacando aí a figura daquele que viria a ser consagrada “o maior jogador de futebol do mundo de todos os tempos”, o brasileiro Pelé. (QUADRO, 2010)

Entre o final dos anos 50 (século XX) e nos anos 60, “O mundo vivia a divisão dos mega-blocos, Guerra Fria e do Vietnã, revoluções culturais, países latino-americanos sob a tutela de regimes militares”, mas as Copas do Mundo atravessaram essas transformações políticas e culturais. (QUADRO, 2010)

Em 1962, o evento da FIFA voltou ao continente americano, sendo realizado no Chile. O mundo vivia o auge da Guerra Fria, e o Brasil uma política conturbada pela renúncia de Jânio Quadros. Os países europeus discordaram da proposta do Chile para sediar os jogos da FIFA, alegando que esse país “era pobre e sem a necessária estrutura para promover uma Copa.” Mas o país contou com o voto do Brasil na disputa, que afinal o sagrou vencedor. Para levar a cabo a realização da Copa, o Chile contou com os esforços de Carlos Dittborn, nascido brasileiro, que sob os olhares e as desconfianças dos opositores à realização da Copa no Chile, ampliou a capacidade dos estádios, entre outros planos. E quando o país, finalmente, começava a ganhar o respeito dos pessimistas, dois violentos terremotos atingiram o país, causando milhares de

mortes e deixando 25% da população atingida sem abrigo. (MUSEU, 2010)

Para um país de poucos recursos, o enorme prejuízo financeiro decorrentes da tragédia era uma sentença de morte para a Copa do Mundo. Mas o obstinado Dittborn pronunciou uma frase que se tornou célebre e acabou reproduzida em cartazes por todo território chileno: "Porque nada tenemos, lo haremos todo" (porque nada temos, faremos tudo). E a FIFA impressionada tanto com a frase quanto com a persistência de Dittborn, deu-lhe o necessário voto de confiança. (MUSEU, 2010, p. 6)

A Copa foi realizada, e o Brasil recebeu o título de bi-campeão mundial de futebol.

A Copa do Mundo seguinte foi realizada no México, em 1970. Esse país vivia um momento de organização dos esportes: em 1968, sediou os Jogos Olímpicos, sendo o primeiro país do chamado "terceiro-mundo" a acolher uma competição esportiva desse nível. Não foi difícil para os mexicanos sediar a Copa, pois eles tinham laços antigos com a história do futebol, já que sua primeira temporada futebolística ocorreu em 1901/1902. (GLOBAL, 2010)

Além disso, economicamente, o país estava num processo de desenvolvimento estabilizador, com crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), grandes investimentos em infraestrutura, preponderante presença do Estado na produção e manutenção de uma disciplina fiscal rígida. (ASPE, 1993).

Por outro lado, a FIFA passou a ser presidida pelo belgo-brasileiro João Havellange em 1968 e adotou medidas para "globalizar o futebol"; entre elas, destinou uma vaga para a Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe Concacaf (Cuba não foi aceita); uma para a Confederação Asiática de Futebol (AFC) e para a Confederação de Futebol da Oceania (OFC) (Ásia, Oceania e Oriente Médio); uma para a

Confederação Africana de Futebol (CAF) (África, exceto Guiné e Zaire). (GLOBAL, 2010)

O Brasil venceu a Copa do México, tornando-se tri-campeão mundial de futebol.

Furtado (2010) lembra que, nas décadas de 60 e de 70, a América Latina vivia um cenário de pobreza e de desigualdade social, o que desencadeou mobilizações sociais anti-imperialistas e socialistas, enquanto golpes militares sufocavam a luta dos trabalhadores por seus direitos. No Brasil, por exemplo, para o regime militar,

um time de craques e a conquista do tricampeonato vieram a calhar. Enquanto reprimia, prendia e torturava militantes, o governo do general Garrastazu Médici estimulou o crescimento econômico por meio de empréstimos externos, industrialização e realização de grandes obras e rodovias (como a Transamazônica). No início da década de 70, a economia nacional apresentava um crescimento excepcional de 12% ao ano. A televisão e o governo propagandeavam o “milagre brasileiro”. E a vitória na Copa do Mundo de 1970 ajudou a impulsionar a propaganda oficial. (FURTADO, 2010, p. 2)

A próxima Copa do Mundo, de 1974, foi realizada na Alemanha Ocidental, país que pleiteava sediar esse evento desde os anos 40, sem obter êxito: primeiro, porque em 1942 e 1948, como já dito, as Copas não foram realizadas devido à Segunda Guerra mundial; em seguida, porque a FIFA buscou neutralidade e o equilíbrio social de Suíça e da Suécia; depois foi a mérito dos inventores do futebol, a Inglaterra. Mas na década de 70, “não havia como ‘escapar’”, pois a Alemanha Ocidental era o único país altamente desenvolvido da Europa a não ter jamais abrigado esse torneio.” (GLOBAL, 2010)

O país que ainda vivia perdas e divisões territoriais, entre outras sanções que sofreu após a Guerra, como a tentativa, por parte dos países vitoriosos, de restringir sua economia. “A

Alemanha tinha, sem dúvida, dificuldades a enfrentar nas relações internacionais.” (TRAGTENBERG, 2006, p. 3) A seleção da Alemanha Ocidental foi bi-campeã.

A Copa de 1978 teve a Argentina como anfitriã, apesar do protesto de várias entidades, para que o evento não se realizasse em um país que não respeitava os direitos humanos. A Argentina tinha uma seleção com forte presença nos torneios americanos, e seus clubes eram campeões. “A conquista da Copa em casa (a Argentina foi campeã) serviria para o povo esquecer a repressão da ditadura militar.” (QUADRO, 2010).

Na Espanha, em 1982, vivia-se problemas políticos internos com as Comunidades Autônomas da Catalunha e do País Basco e perigos com as investidas do grupo separatista basco Euzkadi Ta Azkatasuna (ETA), em português, Pátria Basca e Liberdade. Mas mesmo assim, o rei Juan Carlos trazer o evento para seu país. (GLOBAL, 2010)

Quanto à Copa, a FIFA aumentou o número de países participantes da Copa, passando de 16 para 24. A criação da Concacaf e a consequente participação das respectivas seleções motivaram a reclamação dos países europeus pelo aumento de países no evento, no que foram atendidos. A Itália conquistou o tri-campeonato.

Em 1986, outra vez o México sediou a Copa do Mundo de Futebol. Inicialmente, a Colômbia ganhou a oportunidade de realizar o evento. Porém, teve de desistir devido a problemas financeiros. O México, então, assumiu a responsabilidade, tendo um curto espaço de tempo de preparação. Foi o primeiro, país a realizar a Copa duas vezes. Porém,

uma horrível tragédia golpeou o México a [...] apenas oito meses antes do início do torneio, quando cerca de 20.000

peessoas morreram em um terremoto. Mais uma vez o torneio foi em perigo, mas os estádios não foram afetados. O país "juntou os pedaços" e superou todos os obstáculos.(CUPS, 2010, p. 3)

A Argentina ganhou seu segundo título mundial.

Voltando à Europa, em 1990 a Copa foi realizada novamente pela Itália. Dessa vez, o país estava sob o regime da democracia, pleitou a sede do evento, então vencendo a proposta da Inglaterra e da União Soviética. A Copa foi extremamente organizada e transparente. A Alemanha Ocidental ganhou o terceiro título de campeão mundial de futebol.

Nas Américas, a Copa foi sediada pelos Estados Unidos em 1994. Os norte-americanos demonstraram seu alto nível de competência empresarial, promovendo eficientes campanhas de marketing. Com isso, conseguiram uma média de 70.000 espectadores por jogo e cerca de três bilhões de telespectadores em todo o mundo. (ACAMPORA, 2009)

O Brasil venceu essa Copa e tornou-se tetracampeão mundial de futebol.

Em 1998, também a França vez sediou Copa do Mundo de Futebol pela segunda vez. Joseph Blatter foi eleito o novo presidente da FIFA. Nessa época, vivia-se já as transformações no trabalho devido ao processo da globalização, implicando uma tendência à redução de empregos estáveis e à precariedade, para uma porção relevante da população ativa. Na França, nesse ano, em cada 11 pessoas, uma chegou a um estado precário. (HIRATA, 2002) A França sagrou-se campeã do mundo pela primeira vez.

A Copa seguinte foi realizada na Coreia do Sul/Japão, em 2002. Essa foi a

Primeira Copa do Mundo realizada em dois países diferentes. Primeiro Mundial disputado na Ásia. Primeira Copa do Mundo fora da Europa e Américas. Primeira Copa

do Mundo do Século XXI. Primeira vez que uma seleção da Ásia chega às semifinais. Primeira Copa do Mundo que um time fora do eixo Europa-América chega entre os quatro primeiros. Primeira Copa do Mundo em que pelo menos uma das seleções a Europa, América do Sul, América do Norte, Ásia e África chegam às oitavas-de-final. A Copa do Mundo da Coreia do Sul e Japão foi uma Copa do Mundo de novidades. (QUADRO, 2010, p. 10)

Nessa Copa, o Brasil ganhou seu quinto título de campeão mundial de futebol.

A Alemanha, em 2006, sediou pela segunda vez o evento da Copa do Mundo, após 32 anos da primeira lá realizada. Nesse ano, "apenas a cidade sede de Leipzig era integrante da antiga Alemanha Oriental." (QUADRO, 2010) A seleção da Itália foi campeã pela quarta vez.

A próxima Copa do Mundo será na África do Sul, neste ano de 2010. É o primeiro evento do tipo realizado no continente africano, que também não sediou nenhuma Olimpíada. A África do Sul havia perdido para a Alemanha na candidatura à realização da Copa anterior. "A África do Sul foi escolhida devido a sua infra-estrutura, apesar de não ser uma potência nas edições anteriores em que participou (1998 e 2002)". (DHEINNY, 2007, p. 2)

Porém, a grande preocupação do governo sul-africano é a violência. Tanto que ele lançou uma campanha de conscientização sobre a violência no trânsito, responsabilizando toda a população pela integridade física dos turistas no período da Copa. "Os cidadãos responsáveis não precisam ser vigiados pela polícia continuamente".

1.2 Brasil 2014

Depois da Copa de 1950, realizada no Brasil, e da Copa de 1978, na Argentina, nenhum país da América do Sul sediou esse evento. Com seu retorno ao continente americano, 36 anos após o

último, cumpre-se o princípio político da FIFA, de fazer um rodízio do campeonato entre os continentes.

O Brasil foi candidato único entre os países da América do Sul e foi apoiado pela Confederação Sul-americana de Futebol. A Colômbia retirou sua proposta, e Chile e Argentina também, que se propuseram a sediar em conjunto o evento.

Desde então, o Brasil vem se empenhando em cumprir as exigências da FIFA quanto à segurança e infra-estrutura e vem recebendo visitas periódicas, para vistorias do que está sendo feito em relação às exigências.

Sousa (2009) detalha os esforços e os entraves que perpassam o sonho brasileiro de realizar a segunda Copa do Mundo, sendo o Brasil o único a deter o título de pentacampeão mundial de futebol das Copas da FIFA e ter a cultura futebolística tão arraigada em seu cotidiano.

Segundo esse autor, questões políticas e sociais como o caos aéreo, o caos energético, a corrupção, a violência, denúncias de superfaturamento nas obras dos Jogos Pan-Americanos de 2007, entre outros fatos, preocupam o governo e os dirigentes do evento, tendo em vista a repercussão negativa.

Por outro lado, vistorias feitas em alguns estádios brasileiros, candidatos a sediar jogos (Maracanã, no Rio de Janeiro; Morumbi, em São Paulo; Mineirão, em Belo Horizonte, e Beira-Rio, em Porto Alegre), concluíram que nenhum desses estava em condições de realizar jogos da Copa.

O Ministro dos Esportes do Brasil, Orlando Silva, declarou que o governo fará o que for necessário, e o Presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Ricardo Teixeira, afirmou que a recuperação e a construção de novos estádios (está prevista

a construção de 12) poderia ficar sob a responsabilidade da iniciativa privada.

Como se verifica, ao se sugerir ou conclamar a participação da iniciativa privada para cumprimento das exigências da FIFA em conjunto com o governo, a realização do evento torna-se também uma responsabilidade social.

Definidas as cidades brasileiras nas quais vão ser realizados jogos pela Copa (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Manaus, Fortaleza, Salvador, Porto Alegre, Cuiabá, Recife, Brasília e Natal), foi elaborada uma Matriz de Responsabilidade, como resultados de reuniões entre o governo federal e os governos estaduais das unidades da Federação que sediarão jogos.

As cidades brasileiras que vão ser sede dos jogos da Copa do Mundo de 2014 receberão melhorias na área de infraestrutura [...] o governo federal fará investimentos nos setores de transporte, hotelaria e infraestrutura aeroportuária. "A infraestrutura brasileira será melhorada, sobretudo o sistema aeroportuário, que é fundamental." Foram fixadas as tarefas que cabem a cada ente da federação e o cronograma para a realização delas. [...] Recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) somarão R\$ 11,48 bilhões que serão investidos em obras para o trânsito. [...] O governo federal negocia com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) um crédito de US\$ 1 bilhão para as cidades do país que serão sede da Copa do Mundo de 2014. (ESPORTE BRASIL, 2010, p. 1-4)

Além desses investimentos, outros vêm sendo estudados para dar cumprimento às exigências da FIFA. O país está mobilizado com os preparativos para a Copa de 2014, até porque ainda há possibilidades de revogação, já que as vistorias continuam.

1.3 Futebol no Brasil e para o Brasil

O futebol no Brasil evoluiu bastante, desde que Charles Miller, um paulista nascido no Brás, trouxe para o país, após nove anos de

permanência da Inglaterra, uma bola de futebol e as primeiras regras desse esporte. (SP, 2008)

O primeiro jogo de futebol foi realizado em 1895, entre times formados por funcionários ingleses, de empresas inglesas situadas em São Paulo. O grupo de ingleses fundou o primeiro time de futebol brasileiro, o São Paulo Athletic, em 13 de maio de 1888, data em que foi assinada a Lei Áurea, abolindo a escravidão no país. (BRASIL/MC, 2009)

Desde então, a evolução desse esporte no Brasil foi muito grande, coincidindo, também, com os efeitos do mundo globalizado e a transformação do futebol como uma forma de negócios também.

Nesse percurso, historicamente, alguns fatos merecem ser citados: a criação do Mackenzie, o primeiro clube "genuinamente brasileiro" (1898); o futebol foi levado para o Rio de Janeiro (1900); criação da primeira liga de futebol brasileira (1901); disputa do campeonato paulista, o primeiro oficial do Brasil (1902); criação da Federação Brasileira de Sports (atual CBF) (1914); primeira excursão de time brasileiro, o Clube Atlético Paulista, pela Europa (1925); o Brasil sedia uma Copa do Mundo (1950). (BARBOSA, 2005; MUSEU, 2009)

A partir daí, o futebol se estendeu a todo o país, sendo criados clubes, construídos estádios, arregimentando jovens até que se tornou-se, no Brasil, um elemento forte de sua cultura, além de grande fonte de entradas de divisas para o país.

Em termos de representação futebolística no mundo, o Brasil cresceu tanto que não se distingue a origem inglesa desse esporte. Para isso, foram importantes os destaques recebidos pelos

jogadores brasileiros, cujos passes para clubes da Europa estão entre os mais altos do mundo.

Conforme Rial (2008, p. 1), “a emigração de jogadores de futebol brasileiros não é um fenômeno recente.” A primeira ocorreu na década de 30, imediatamente após a Copa do Uruguai. Aos poucos, essa migração foi evoluindo, e só nos últimos anos “transformou-se de país receptor de imigrantes laborais em um país que cede trabalhadores mais do que os recebe.” Para esse autor, essa movimentação de jogadores é superior à de outros emigrantes brasileiros.

Dentre aproximadamente cinco milhões de brasileiros que vivem hoje no exterior, calcula-se que quatro mil sejam os jogadores de futebol. Mesmo tratando-se numericamente de um fluxo migratório pouco relevante – pois só no Japão encontramos cem vezes mais brasileiros, por exemplo – essa emigração tem grande presença no panorama midiático, não há meio de comunicação importante no mundo hoje que não dedique espaço para o futebol e para seus protagonistas principais, os jogadores, conforme tem sido mostrado em outros estudos (RIAL, 2008, p. e)

Em complemento, por diversas vezes, jogadores brasileiros foram eleitos os melhores do mundo. Jogadores como Pelé, Ronaldo e Ronaldinho estão entre os brasileiros mais conhecidos no mundo, gozando de extrema popularidade em todos os recantos do mundo.

Atualmente, além desse aspecto de destaque de jogadores brasileiros que continua evoluindo, o país já vem se voltando com mais empenho para o futebol feminino, inclusive com jogadoras também conquistando o título mundial de melhor por anos consecutivos.

Com isso, constata-se que esse esporte não só rompeu com as barreiras geográficas, ao se colocar em países das mais distintas convicções políticas e religiosas, mas também começa a romper barreiras secularmente fortes e complexas, como a do gênero.

O fenômeno do futebol no Brasil já começa, inclusive, a ser estudado no âmbito das academias universitárias e merecendo pesquisas que envolvem a forma como ele vem cada vez mais se arraigando à cultura brasileira.

Na perspectiva temática deste estudo, entende-se que a evolução do esporte futebolístico no Brasil e sua consequente representação para o mundo vêm ao encontro da política externa brasileira, cujo objetivo é fazer com que o país possa tomar parte nas decisões mundiais sobre a produção e o consumo, saindo da condição cultural de colônia.

Para Pecequillo (2004, p. 229), o Brasil quer integrar no grupo das nações em desenvolvimento, principalmente visando a questões “referentes à busca de uma inserção mais justa e equilibrada dessas potências no sistema internacional.”

O futebol brasileiro, desde muito antes da atual política externa, já deixava o país em evidência, através de grandes nomes eleitos embaixadores de projetos da Organização das Nações Unidas (ONU). Como exemplo, cita-se Ronaldo, que desde 2000 é embaixador desse órgão na luta contra a fome e a pobreza no Terceiro Mundo.

1.4 Futebol Brasileiro para o Mundo

Alcântara (2006), no contexto da relação entre negócios, transações e personagens envolvidas no futebol brasileiro, analisou aspectos da transformação por que vem passando o futebol no Brasil e no mundo e concluiu que “o espetáculo do futebol tem de ser vendido, e rapidamente”.

Esse autor destaca o que o “negócio” do futebol espetáculo representa hoje para o Brasil, em termos econômicos:

O negócio futebol tem peso considerável na exportação brasileira. As vendas de jogadores estão entre os serviços exportados pelo país que apresentou aumento de 34% em 2005 (cerca de US\$ 6 bilhões). Esse grupo de serviços representa 40% das exportações brasileiras (toda a exportação brasileira de serviços gerou US\$ 16 bilhões em 2005). As vendas com atletas profissionais apresentaram o maior crescimento dos últimos oito anos em 2005, ano em que Robinho foi negociado com o Real Madrid: 55%, ou US\$ 158,2 milhões, segundo informações do Banco Central. Só no primeiro bimestre de 2006 o negócio bateu em US\$ 25,8 milhões. Em 2004, foram realizadas 857 transferências registradas na CBF (Confederação Brasileira de Futebol); no ano passado, 804. É como se a cada dia dois a três jogadores fossem negociados (os maiores mercados: 40 atletas foram negociados com clubes do Japão, 20 da Alemanha, 15 da Arábia Saudita, 14 da Venezuela, 12 dos EUA e 9 do Irã). (ALCÂNTARA, 2006, p. 3)

Comparativamente aos produtos que compõe as exportações brasileiras, a exportação de jogadores apresentou os seguintes dados, em 2005 e 2006 (tabela 1):

Exportações	2005 US\$ milhões	2006 US\$ milhões
Atletas	159,2	131
Banana	33,02	36,46
Mamão	30,63	30,02
Melão	91,47	88,23
Uva	107,2	118,4
Equip. médico	104,1	119,1
Pimenta grão	46,3	81,7
Maçã	45,7	31,9
Lagosta cong.	77,7	83,6
Trigo grão	14,6	64,3
Total		

Tabela 1: **Comparativo de exportações brasileiras**

Fonte: Banco Central do Brasil/Ministério do Desenvolvimento

Em 2007, a exportação de atletas totalizou US\$ 49,8 milhões. De 1993 a 2007, o total foi de US\$ 1.199 bilhão. Mas segundo

Barros Alves (*apud* LUCENA, 2007), a exportação de jogadores não produz dividendos para os clubes, pois a maior parte dos jogadores que saem são bem jovens e, no cenário nacional, ainda não têm muito valor comercial. Os clubes estrangeiros apostam mais em jogadores adolescentes, muitos sem vínculo com clubes ou integrantes de times pequenos.

A representação significativa da migração de jogadores para o exterior na lista das exportações brasileiras dos últimos anos tira, definitivamente, a visão única desse esporte associado à paixão das massas e transforma-o também em produto. Como tal, ele “entra” diretamente no jogo dos interesses do país, que pode utilizá-lo como meios para sua política, como já dito.

A propósito, na perspectiva da paixão, Baldy dos Reis (2010) atribui o crescimento do significado social do futebol no século XX a uma necessidade de se vivenciar publicamente emoções prazerosas.

As sociedades mais desenvolvidas criaram, ao longo dos séculos, repressão à expressão pública das emoções, e desta maneira foi reservado/criado um espaço apropriado para essas vivências [...] os esportes tornaram-se um campo fértil para a vivência de emoções. Nas arenas esportivas foi e é permitida a expressão de emoções extremas de alegria e raiva, por exemplo. (BALDY DOS REIS, 2010, p. 2)

Transformar o futebol em espetáculo a ser vendido é uma consequência do próprio tempo; a globalização e a evolução tecnológica, juntamente com o exacerbado capitalismo, são processos por demais invasivos, além de irreversíveis, que agem diretamente sobre a cultura, provocando mais exclusão do que inclusão. O espetáculo é uma forma de tornar os fatos grandiosos e visíveis aos olhos do mundo.

Mas a visão de futebol como espetáculo não tira desse esporte sua característica de popularidade, principalmente diante

da simplicidade de suas regras e da possibilidade de acesso concedida a todas as camadas sociais (aspecto que evoluiu desde quando esse esporte começou, sendo jogado só pelas elites).

No caso do Brasil, o futebol vai de encontro à exclusão, seja porque, internamente, possibilita o acesso dos mais desfavorecidos socialmente em condições de igualdade, e externamente, porque vai possibilitando o país destacar-se entre as grandes potências mundiais, auxiliando, indiretamente, a proposta da política externa brasileira, como já dito.

Segundo Rial (2008), a constante movimentação de jogadores brasileiros para o exterior fez com que algumas leis esportivas internas fossem alteradas, passando a gozar de flexibilização. Para esse autor,

Uma consequência dessa legislação é a colocação do fator econômico no centro da circulação de jogadores entre países (extinguindo a barreira da origem nacional, que deixa de atuar assim como uma fronteira), com uma grande concentração de talentos nos clubes globais, atualmente situados na União Européia, que dispõem de maior capital econômico, a ponto de alguns desses clubes terem equipes compostas exclusivamente por jogadores estrangeiros. (RIAL, 2008, p. 2)

Nesse contexto, nada mais significativo para “fechar” os interesses internos com os externos do país do que a realização da Copa do Mundo em 2014.

2 ESPORTE E CULTURA

Instrumentos utilizados na mediação simbólica cultural, como língua, artes, mitos e outros, permitem ao indivíduo ou ao grupo obter uma visão da realidade. São instrumentos culturais, mecanismos coletivos ou grupais utilizados por todos. (SODRÉ, 2001)

Pela magnitude que o futebol tem atualmente, ele pode ser inserido entre esses instrumentos de mediação simbólica, tanto interna quanto externa. Internamente, ele vem conseguindo remanejar crianças e jovens da violência urbana para o esporte. Externamente, ele vem elevando a representação mundial do Brasil na área do desporto e possibilitando o reforço das políticas externas do país.

Da Matta (1991) explica que a realidade brasileira pode ser vista de forma antagônica: na perspectiva institucionalista, na qual se inserem os macro-processos políticos e a economia, seguindo a lógica de uma economia política, na qual são traçados diagnósticos do país, visando à superação de problemas; na perspectiva cultural, que enfatiza os elementos dos usos e costumes da realidade. A essa perspectiva o autor chama de tradição da “casa”, familiar, habitual, enquanto a primeira é a da “rua”, formal. No mundo da casa, as pessoas valem pelo que são e há harmonia; no mundo da rua, os indivíduos lutam pela vida. Da Matta reúne essas duas perspectivas parciais em uma, que considera sintetizadora e superadora, porque tem a realidade como uma moeda de duas faces. Ele transforma essas perspectivas parciais em um dualismo articulado.

O futebol brasileiro pode ser retratado desse ponto de vista, uma vez que sua realidade engloba ambas as perspectivas: no

âmbito da casa, há o futebol de peladas, o futebol comprometido unicamente com o esporte propriamente dito, voltado para o prazer e valendo por sua representação pura e simples. No âmbito da rua, encontra-se o futebol arte, desempenhado no palco das mídias globalizadas, que servem de vitrine da cultura brasileira estilizada.

Bastos (2010, p. 1) explica que no território brasileiro, de norte a sul, de leste a oeste, “o futebol constitui importante patrimônio cultural brasileiro.” E não se comprova esse aspecto só pela quantidade de estádios e de acervos dos museus de futebol espalhados pelo país. Ele é comprovado, principalmente: na busca pela técnica do domínio da bola que incentiva o cotidiano das crianças desde cedo, no espetáculo desenvolvido em campo em 90 minutos de jogo; nas partidas realizadas nos finais de semana a título de “peladas”; nas “escolinhas” de futebol hoje espalhadas por quase todo o país. Para essa autora, esses são elementos do patrimônio manifestados pelo corpo, aos quais se pode associar os rituais que antecedem uma partida, como cantar o hino nacional com a mão sobre o coração. São elementos de identidade.

Para Hall (1997), a identidade está profundamente envolvida nos processos de representação, e a forma como as novas relações são moldadas e remoldadas em seu interior tem efeitos profundos sobre as identidades, sua localização e representação.

Ramalho da Rocha (2005) afirma que as identidades específicas são produzidas por estruturas normativas, estruturas institucionais e estruturas de valores, em conjunto. Essas identidades condicionam, *a priori*, a forma como as pessoas devem se comportar em sociedade.

Trazendo esse pensamento para o futebol no Brasil, observa-se que se vive, aqui, uma cultura permeada por novas identidades, entre elas e destacadamente, a do futebol, principalmente nos últimos tempos. Ele é um elemento de identidade da cultura brasileira perante o mundo, tanto quanto o carnaval, mas com uma dinâmica bem mais representativa, seja pelo abrangência e acesso de todas as classes sociais, seja pela continuidade de seu processo, ininterrupto.

Mais do que com qualquer outro esporte, o Brasil vive essa realidade, e não há como ela não transparecer nas estratégias de suas políticas externas. Pode-se dizer que aquilo que a atividade futebolística envolve, em sua esteira de funcionamento, aproxima-se de um tema de interesse doméstico, uma vez que vem atenuando problemas sociais, com efeitos ainda na estabilização econômica do país. O primeiro caso se refere ao interesse pelo esporte que move crianças e jovens e os leva à frequência de “escolinhas”, na perspectiva de chegar ao estrelato profissional; o segundo diz respeito aos citados resultados econômicos da exportação de jogadores.

Essa realidade cotidiana do futebol se insere em um contexto ideológico, que reveste o esporte em geral.

2.1 Considerações Ideológicas sobre o Tema

Vaz (2009) associa a estrutura do esporte à do trabalho, afirmando que, mesmo semelhantes, elas se mostram diferentes, quanto à “mecanização do movimento humano”. Essa mecanização se refere a aspectos como linguagem tecnológica, ao rendimento, ao método, à burocratização e à racionalização, processos que limitam a espontaneidade, muito pouco encontrada no esporte. A ideologia estaria no fato de o esporte reforçar aspectos como o

rendimento como o ponto forte da sociedade, criando uma espécie de “unidade” ideal entre corpo e espírito.

Citando Brohm, esse autor apresenta as funções ideológicas atuais do esporte, entre elas:

- o esporte se baseia no mito do progresso infinito e linear, expresso em recordes;
- o esporte é desenvolve a ideia do corpo-máquina, a serviço do trabalho capitalista, da fantasia do corpo produtivo;
- o caráter do esporte como mercadoria.

Alvim Agrícola (2010) também se refere ao aspecto ideológico do esporte, explicando que com o surgimento da referência ao rendimento (no qual se inclui o futebol), o esporte é compreendido como produto consumido pelas massas, sendo identificado como um “esporte espetáculo”. A ideologia da sociedade capitalista é vista no esporte espetáculo, porque proporciona uma espécie de “catarse coletiva” intencional.

Em eventos como a Copa do Mundo, as seleções nacionais se apresentam como representação do espírito patriótico do povo. Mera mistificação, pois nem a pátria é homogênea a ponto de anular a diversidade social, racial, cultural, política e econômica; nem, por outro lado, ocorre uma identificação natural e indiferenciada entre as seleções e o povo dos seus respectivos países – em alguns casos, como nos EUA, o futebol ainda não é o esporte preferido da maioria e, portanto, a identificação entre povo-nação e seleção não é tão intensa, como em outros países como a Argentina e o Brasil. Não obstante, é um fato político e social que, estimulado pelos meios de comunicação e até mesmo pelas instituições governamentais, o patriotismo é mais identificável e intenso em certos países e determinados contextos ideológicos. Por exemplo, a vitória da seleção italiana, a em 1934 e 1938, foi vista por muitos analistas da época como prova cabal da superioridade do fascismo; o próprio governo tratou, e nisso não é original nem foi o único e o último, de tentar capitalizar a vitória da *squadra azzurra*. (SILVA, 2006, p. 3)

A ideologia que permeia o esporte atualmente não é a da difusão explícita de pensamentos políticos, como ocorreu na Itália de Mussolini, mas a das ideias subjacentes. Por exemplo, o Brasil quer reforçar sua capacidade de intervenção no mundo, além de buscar a ocupação de uma cadeira permanente no Conselho de Segurança. E para isso o governo vem envidando esforços contínuos desde os primeiros tempos de mandato. Além disso, há o império capitalista, agindo sobre todos os comportamentos e tendo no esporte um de seus meios.

O futebol se tornou um polo para o qual se voltam muitos interesses: dos proprietários de clubes, das empresas esportivas com seus produtos, das empresas publicitárias, dos meios de comunicação e o interesse dos próprios jogadores.

Mas independente disso, o futebol exerce a mesma atração sobre os torcedores. Sua popularidade, devido ao jeito simples de jogar e à possibilidade de acesso por pessoas de qualquer idade, talvez constitua seu maior atrativo.

Para Hobsbawm (2006, p. 3), “o atrativo global do futebol se baseia no atrativo nacional do futebol.” Esse aspecto pode estar relacionado com o que o que Hall e Ramalho da Rocha afirmaram sobre a identidade: ela está envolvida nos processos de representação e funciona em conjunto com as estruturas institucionais e de valores.

Por outro lado, a interposição entre os dois atrativos pode significar que países como o Brasil, onde a paixão pelo futebol é alimentada, respondem se não pela maior expansão do futebol, mas por sua maior influência e penetração cultural. E é o que instiga a realização das Copas do Mundo, do ponto de vista do desporto.

De outro ponto de vista, conforme Hobsbawn,

A Copa, em si, provavelmente não tem nenhum fundo político em particular, mas, assim como as Olimpíadas, é quase certo que esteja vulnerável às pressões e às promessas diplomáticas ou de outra natureza dos países mais poderosos. (HOBSEWORTH, 2006, p. 4)

Como manifestação do capitalismo, o futebol é visto como um produto de venda: os clubes foram transformados em sociedades anônimas, e o esporte passou a ser produzido como mercadoria. Com isso, os jogadores que antes eram estrelas, muito admirados, mas não eram ricos, se transformaram em ídolos, com contratos milionários, como bem noticia a mídia.

Assim, compreende-se que uma Copa de Mundo não deixa de representar uma vitrine, na qual são expostos produtos específicos.

Por sua vez, a vitrine não deixa de representar um marketing de cada país, o qual, segundo Chias (2010), é constituído de três aspectos: identidade, personalidade e comunicação. No âmbito da Copa de Futebol, esse autor explica:

A identidade pode ser simplificada como a soma da história e do presente e transmite informações e valores associados que permitem definir se estamos falando de um país que já foi ou de um país que foi e agora é. Já a personalidade é a soma do que se faz e como se faz, e que leva também às informações sobre as realidades econômica, tecnológica, social, entre outras. E, sobretudo, ao jeito brasileiro de viver a vida, de assistir aos jogos e de fazer com que os turistas valorizem o diferencial que é hoje mais destacado nas pesquisas de satisfação após a viagem ao Brasil, o povo brasileiro. A comunicação é o que vamos comunicar e como estes elementos vão ser comunicados em relação ao Brasil, à Copa e às cidades-sedes. (CHIAS, 2010, p. 2)

Na perspectiva capitalista, no Brasil do futebol, não caberia questionar sobre a verdadeira identidade cultural do país, porque o futebol está aí como um de seus elementos. O Brasil tem o futebol como tradição, pois viveu seus tempos áureos de esporte apaixonante.

Mas ao mesmo tempo, o Brasil não tinha como fugir à economia capitalista mundial, sem se colocar à margem do progresso e, obviamente, manter-se apenas sobrevivente. O país então já se destaca também como um dos grandes do futebol espetáculo.

Mesmo engajado na nova perspectiva do futebol espetáculo, o país não abre mão de trazer para o presente as memórias do futebol de outra época, o futebol-paixão.

Apropriando-se da tecnologia, a memória do futebol “estimula a revisitação de lances memoráveis de jogadores, ou melhor, dos craques da bola e do futebol arte.” Narrações antigas, radiofônicas e televisivas, são veiculadas em sites na Internet e em blogs; são exibidas em programas de televisão enquanto reafirmam o espaço que o futebol ocupa na vida diária dos brasileiros. “A recriação dos lances, dos dribles e dos passes de bola reitera a identidade e reforça o seu aspecto como patrimônio cultural da nação, a especificidade do ser brasileiro.” (BASTOS, 2010)

Nessa perspectiva, resta comprovar como o país vai planejar, organizar e realizar a Copa do Mundo de Futebol de 2014, na perspectiva de reafirmar sua posição futebolística tradicional e seu *status* de futebol espetáculo.

Em resumo, o futebol que se vivencia desde o século XX pode ser chamado de globalizado, porque com ele se estabelecem novas formas de relação entre países.

3 BRASIL COMO SEDE DA COPA DO MUNDO DE 2014

Martin (2003) classifica a Copa do Mundo de Futebol um evento de competição esportiva, com premiação. Evento é todo acontecimento planejado com antecedência, cuja organização e coordenação envolve um grande número de pessoas, tendo como objetivo congrega um grande número de pessoas num mesmo espaço físico, em determinado espaço de tempo, voltadas para uma ideia comum.

Quanto à dimensão, o evento da Copa do Mundo é classificado como macro-evento, pelas atividades que envolve em torno dela; quanto à localização, é itinerante, por ser sediada em vários lugares do mundo; quanto à categoria, é seleta e ao mesmo tempo público, pois, respectivamente, envolve o público pagante que assiste aos jogos nos estádios, e os telespectadores, que assistem pela televisão. Em resumo, trata-se de um evento aberto. (MARTIN, 2003)

Na perspectiva dessa abertura e definida como “o maior evento midiático do planeta”, a Copa de 2014 no Brasil é a seguinte projeção, conforme Bernasconi (2009): mais de 40 bilhões de pessoas assistirão às transmissões; a cada espectador presente em um estádio corresponde mais de 10.000 telespectadores assistindo por telões e pela televisão.

Essa projeção possibilita compreender o alcance de todos os movimentos feitos pelo Brasil durante a Copa, ao mesmo tempo podendo-se dimensionar a importância da fase de planejamento.

Essa é uma das fases mais estratégicas do evento, porque é nele que se delinea o que o país pretende alcançar com a realização do evento, além da programação diretamente relacionada com os jogos de futebol.

3.1 Perspectivas Socioeconômicas Nacionais

A oportunidade de sediar a Copa Mundial de Futebol em 2014 abriu, para o Brasil, um leque de expectativas, além das mudanças e transformações exigidas pela FIFA (algumas já referidas).

Nesse leque, incluem-se áreas imediatamente relacionadas com o evento e as atividades com elas relacionadas, que funcionam em cadeia. Como exemplo, há o turismo.

Mota (2006) diz que um evento como a Copa do Mundo movimenta toda a economia do país sede, especialmente o turismo. Como exemplo, ela cita o resultado da Copa de 2006 na Alemanha, que contou com a presença de mais de 1 milhão de torcedores nos jogos.

Entre os turistas que visitam o país por ocasião dos jogos, há os que são atraídos também pelos aspectos histórico-culturais do lugar, significando um desdobramento da atividade turística, cuja dimensão não se pode prever. Dessa forma, a economia doméstica vai ser alimentada de modo substancial.

Bernasconi (2009) afirma que uma Copa do Mundo “deve ser entendida como um excepcional instrumento de marketing internacional para o país-sede,” que divulga suas atrações e os diversos elementos de sua cultura, inserindo-se significativamente no mapa turístico global e na economia mundial.

Esse autor aponta a Copa como a grande oportunidade para a realização de obras internas em várias áreas, embora o melhor resultado vá ser o legado positivo a ser comprovado em 2005. Entre os aspectos de contribuição para esse legado, encontram-se:

- a renovação urbana de áreas metropolitanas importantes do país;

- melhorar e ampliar a infraestrutura local, regional e nacional;
- criar conjunto de estádios e arenas multiuso nas principais capitais brasileiras;
- treinar contingentes humanos para o turismo receptivo e para os serviços em geral, considerando que o evento é de enorme visibilidade e vai representar talvez o “maior evento midiático do planeta”.

Santovito (2010) se reporta à movimentação turística não só durante o evento da Copa, mas também em seus efeitos, quando do retorno do turista a seu país de origem. Trata-se de uma “propagação da imagem positiva do lugar, que pode gerar a vinda de outros turistas.” O turismo de eventos (a Copa é um evento grande) promove o turismo de lazer.

Segundo essa autora, no sentido econômico, a captação e a promoção de eventos são tidas como as atividades que mais dão retorno econômico e social às cidades que sediam os jogos e ao país. Internamente, entre os benefícios trazidos pelo turismo de eventos, estão:

- ajuda o equilíbrio entre a oferta e a demanda, reduzindo os problemas de sazonalidade em torno das estações turísticas;
- cria fluxos de pessoas, agregando valor à oferta;
- serve de instrumento de comunicação e de marketing;
- estimula o turista de eventos a permanecer mais tempo na cidade, gastando mais que o turista de lazer;
- dá visibilidade e valoriza a cultura, bem como seus bens econômicos e sociais, inseridos na programação como pano de fundo dos destinos;

- favorece a atuação do composto turístico das localidades receptora e emissora;
- gera negócios e motiva políticas públicas;
- cria oportunidades de empregos e de investimentos, melhorando a distribuição de renda e a captação de divisas;
- possibilita prestígio internacional ao país-sede e às cidades nas quais são realizados os jogos, por meio de uma mídia espontânea gerada pelo evento.

Essa breve lista de benefícios ocasionados pelo turismo de evento, associado ao turismo de lazer, é resultado de um planejamento estratégico do evento.

Além desses benefícios, de modo geral atribuídos a qualquer evento, as expectativas de especialistas relativas à Copa de 2014, baseadas em experiências internacionais, é de que serão alavancadas melhorias e modernização na arquitetura e em equipamentos não só esportivos. “Agrega-se a isto que eventos desta magnitude têm o poder de acelerar os projetos e as políticas de desenvolvimento já em curso no país.” (SANTOVITO, 2010)

Esses aspectos se referem aos benefícios internos, resultantes dos investimentos financeiros e materiais dos governos, para acolhimento dos turistas, esportivos ou não, que vierem ao Brasil durante e após a Copa do Mundo.

Mas o foco deste trabalho é o outro lado, os ganhos externos que o Brasil pode ter por sediar a Copa do Mundo em 2014.

3.2 Perspectivas Políticas Internacionais

Como foi dito, os países, ao se candidatarem a sediar um evento como a Copa do Mundo de Futebol da FIFA, não o fazem

apenas por espírito desportivo, como era antigamente. Hoje, com o futebol espetáculo, globalizado e, principalmente, considerado segundo critérios capitalistas, ou seja, como um negócio, metas são traçadas com antecedência, de modo a que seus resultados sirvam de reforço à respectiva ideologia.

Do ponto de vista político, também são traçadas metas e elaborados planos que interagem de forma subliminar no planejamento estratégico do evento. Em outras palavras, são várias as frentes que um evento dessa magnitude incorpora, todas buscando atingir seus alvos.

Enfocando o aspecto político, do prestígio que o Brasil pode obter sediando a Copa do Mundo de 2014, primeiro é importante lembrar as quase únicas representações sociais do país no exterior, até bem poucos anos atrás.

As representações sociais constituem formas de interpretar, compreender, categorizar, sentir e ler o mundo. Elas são produzidas nos processos de interação social de comunicação, trabalho, cultura, enfim na vida cotidiana, o que as torna expressões de uma dada sociedade, de um determinado grupo social, em um momento histórico específico, bem como formas de mediação social, pois será por meio delas que os sujeitos se relacionarão e atuarão. (MOSCOVICI, 1978, p. 66)

Imagens de sol, de praia, de carnaval, de mulatas/mulheres bonitas e de futebol, denotativas de lazer, além das imagens de favelas e dos índices da fome, registros de grande pobreza, associadas às muito negativas imagens da violência e da prostituição infantil, por exemplo, durante muito tempo serviram de demonstrativo daquilo que o Brasil tinha a oferecer ao mundo.

Ao encontro dessas imagens, veiculadas em vários tipos de mídia, principalmente, em contatos diretos entre turistas e visitantes, vinham políticas externas improdutivas, a exemplo da

adotada no período da ditadura militar, autoritária e excludente (como já dito).

Posteriormente a esse período, no governo Sarney, a política protecionista que influenciava o conjunto da política exterior foi sendo substituída, observando-se uma evolução introduzida pela globalização. Os governos Fernando Collor/Itamar Franco iniciaram uma adequação do país ao sistema internacional. Nos mandatos de Fernando Henrique Cardoso, o objetivo era “substituir a agenda reativa [...] dominada pela lógica da autonomia pela distância [...], por uma agenda internacional proativa, determinada pela lógica da autonomia pela integração.” (VIGEVANI *et al.*, 2003, p.3; PEREIRA, 2008)

No governo Lula, entre outras, a política externa vem desenvolvendo uma postura essencialmente crítica em relação à globalização e à abertura comercial, reafirmando a busca de acesso ao mercado dos países desenvolvidos.

Mais que isso, o governo brasileiro, através de sua política externa, realista, universalista e pragmática, vem corrigindo os rumos das políticas anteriores, baseando-se nos princípios da autonomia e do desenvolvimentismo de inserção do país no sistema internacional de forma menos vulnerável para o Brasil, como já dito anteriormente. (SARAIVA, 2005)

Como parte dessa política externa, o Brasil vem intervindo mais efetivamente nas missões de paz das Nações Unidas em operações bilaterais (Haiti, Timor-Leste, entre outras) e em missões resultantes da Cooperação com os Países de Língua Portuguesa (CPLP), em operações multilaterais (também Timor-Leste e outros).

O governo brasileiro vem investindo maciçamente na imagem do Brasil no cenário internacional, inclusive já sendo considerado membro de destaque no Fórum Mundial de Davos e participando das reuniões do G-20, junto a Índia, na luta pela liberalização da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Com essas frentes de ação no curso de sua política externa ativista, a Copa do Mundo de Futebol de 2014 vem ao encontro dos interesses do governo, quanto a inserir-se com autonomia entre os países desenvolvidos.

Para o Brasil, a Copa de 2014 é a oportunidade de dar um salto de modernização e apresentar não só sua capacidade de organização, como também sua força econômica para captar investimentos e os muitos atrativos que podem transformar o país em um dos mais importantes destinos turísticos do mundo a partir de um futuro próximo. (SOUZA, 2009, p. 2)

A política externa brasileira tem competência para aproveitar essa oportunidade. Para Garcia (*apud* THUSWOHL, 2010), o Brasil tem cada vez mais condições de ser protagonista de grandes questões internacionais, e a atual política externa brasileira tem capacidade suficiente para levantar pontos anteriormente encobertos pelo interesse de alguns. E complementou: “Nossa política externa não é simplesmente um elemento decorativo ou um bibelô na vitrine do governo, mas é um elemento consubstancial em nosso projeto de desenvolvimento nacional”.

A pressão interna por parte das grandes empresas é grande, afinal, a visibilidade mundial da Copa 2014 é uma possibilidade de consolidação de muitos produtos nacionais, de marcas; trata-se de uma presença mundial, já que o evento congrega representantes de todo o globo.

O evento da Copa de 2014 vai constituir um ponto de concentração de vários interesses do Brasil, no que se refere a

investimentos externos no país e vice-versa, à formalização de acordos e ao encaminhamento de solução de problemas, entre outros. Nessa “vitrine” (termo com que vem se definindo o evento), uma multiplicidade de produtos será exposta, articulada, mas o grande peso para política externa brasileira será o que o Brasil conquistará no cenário político internacional a partir daí.

Na agenda diplomática brasileira propriamente dita, estão ações de acesso aos mercados dos países desenvolvidos; de manutenção de mecanismos que favorecem países em desenvolvimento; de implementação de políticas que permitam a produção de saldos comerciais e que não aprofundem a dependência de capitais estrangeiros. (ALMEIDA, 2010)

Garcia (*apud* THUSWOHL, 2010) afirma que o movimento político do Brasil no sentido de fortalecer os países da América do Sul não representa uma cisão com os países desenvolvidos. A política externa brasileira se move em direção aos dois lados, porque se coloca nas discussões “com independência, autonomia e realismo”. E o que permite isso ao Brasil é sua estabilidade econômica, que “fortalece a posição do país junto aos interlocutores internacionais”.

Observa-se que, aos poucos, mas assertiva e efetivamente, a política externa brasileira vai acrescentando às representações sociais do Brasil imagens até então “desconhecidas” no ambiente internacional: a de um país forte, crítico e autônomo, imagens distantes da visão de país periférico, em estado colonialismo.

CONCLUSÃO

A política externa brasileira tem se mostrado eficiente na persecução de seus objetivos. Apesar do pouco tempo de atuação, se considerado o tempo anterior de estagnação, resultados significativos já podem ser observados, como a participação no Fórum Mundial de Davos, entre outras.

O plano político de reforçar a capacidade de intervenção do Brasil no mundo é parte de sua estratégia, assim como o plano econômico de maior cooperação e integração com países com os quais mantém semelhanças e afinidades. É assim com os países da América do Sul, com o Timor-Leste e com as operações de paz nas quais intervém com as Nações Unidas.

Num plano mais alto, encontra-se o desejo declarado de ocupar permanentemente uma cadeira no Conselho de Segurança das Nações Unidas, para o que já vem recebendo apoio de algumas representações internacionais.

Como se vê, são ações sólidas que marcam a mudança de postura do país em relação à política externa, mudança obtida, em parte, graças ao pragmatismo diplomático, associado à cautela e à sutileza com que trata suas intenções políticas.

Nesse contexto, a Copa do Mundo de 2014, dada a significativa exposição a que submeterá o Brasil, pode representar uma oportunidade ambivalente: de alavancagem de investimentos, proporcionada pelo futebol espetáculo e pelo turismo, reforçando os resultados obtidos pela política externa ao longo dos anos dos mandatos de Lula; de risco de perda desses resultados, caso o planejamento não abarque, objetiva e harmonicamente, os interesses internos e externos do país.

O planejamento é estratégico e deve pautar-se pela harmonia entre as demandas locais e os interesses externos. Esses aspectos são faces de uma mesma moeda. O produto a ser exibido na “vitrine” deve manter coerência com as características que a política externa vem adotando, quanto à personalidade da cultura brasileira: sem resquícios de colonialismo, sem traços de periferia.

Em resumo, no que se refere ao objetivo deste trabalho, conclui-se que o sucesso da Copa pode ser definitivo para o prestígio internacional do Brasil, uma vez que a atual política externa já plantou as bases dele; a Copa seria o momento e o espaço em que as frentes políticas dessas bases se consolidariam.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Ricardo. **Brasil é tetracampeão**. Disponível em: <www.portalsaofrancisco.com.br> Acesso em: 12 mar 2010.

ALCÂNTARA, Hélio. A magia do futebol. **Estud. av.** v.20, n.57, São Paulo May/Aug. 2006. Disponível em: <www.scielo.br> Acesso em: 5 mar 2010.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. A política externa do novo Governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva. **Revista Espaço Acadêmico**, ano 2, n. 19, 2002. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/19_pra.htm> Acesso em: 2 mar 2010.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. **Uma política externa engajada: a diplomacia do governo Lula**. Disponível em: <www.pralmeida.org.br> Acesso em: 25 fev 2010.

ALVIM AGRÍCOLA, Nestor Pêrsio Esporte, lazer e mercado: elementos para se pensar a sociedade de consumo. **Esporte e Sociedade**, ano 5, n. 13, nov.2009/fev. 2010.

AMORIM, Celso L. N. Pelos resultados. Entrevista. **Revista Carta Capital**, 21/02/2005.

ASPE, Pedro A. **El camino mexicano de la transformacion económica**. México, Fondo de Cultura Económica, 1993.

BALDY DOS REIS, Heloisa Helena. **Entrevista sobre violência no futebol**. Disponível em: <www.copa2014turismo.gov.br 2010> Acesso: 12 mar 2010.

BARBOSA, Sidney. **Resumo da história do futebol**. Parte III. 2005. Disponível em: <www.campeoesdofutebol.com.br> Acesso em: 3 fev 2010.

BASTOS, Sênia. **O futebol como patrimônio cultural do Brasil**. Disponível em: < www.copa2014turismo.gov.br > Acesso em: 5 mar 2010.

BERNASCONI, José Roberto. **Copa do Brasil 2014**. 2009. <www.sinaenco.com.br/noticias_detalhe.asp?id=49>Acesso em: 5 mar 2010.

BIJOS, Leila. **Elementos que caracterizam o Estado:** a importância da Ciência Política. 2009. MIMEOGRAFIADO

BRASIL. Ministério da Cultura. **Futebol** 2009. Disponível em: <www.cultura.gov.br> Acesso em: 23 fev 2010.

CARVALHO, Paulo Roberto D. **Política externa brasileira e a integração regional na Era Lula.** Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/conteudo/politica-externa>> Acesso em: 25 fev 2010.

CHIAS, Josep. **Brasil 2014:** uma visão a partir do marketing e do turismo Disponível em: <www.copa2014turismo.gov.br2010> Acesso: 12 mar 2010.

CUPS. **Copa do Mundo de 1986.** História do México. Disponível em: <<http://www.planetworldcup.com/CUPS/1986/wc86stor.html>> Acesso em: 25 fev 2010.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis.** Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

DHEINNY. **Copa do mundo na África em 2010.** 2007. Disponível em: <<http://www.copanaafrica2010.com/2007/11/copa-do-mundo-na-africa-em-2010/>> Acesso em: 20 mar 2010.

ESPORTE BRASIL. **Copa do Mundo de 2014.** Disponível em: <<http://www.espbr.com/noticias/governo-federal>> Acesso em: 2 mar 2010.

FURTADO, Livia. **A ditadura militar embalada pelo tri.** Disponível em: <www.pstu.org.br/copa_70.htm> Acesso em: 2 mar 2010.

GLOBAL. **História das Copas.** Disponível em: <www.conteudoglobal.com> Acesso em: 20 mar 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HIRATA, Helena. **Globalização e divisão sexual do trabalho.** Cad. Pagu, n.17-18, Campinas, 2002.

HOBSBAWN, Eric. Entrevista. **Agência Carta Maior,** 2006. Disponível em: <www.recid.org.br> Acesso em: 5 mar 2010.

LUCENA, Pierre. **Economia do esporte.** Exportação de atletas supera a de vários produtos. 2007. (s.l.)

MAGNOLI, Demétrio; CÉSAR, Luís Fernando P.; YANG, Philip. Em busca do interesse nacional. **Política Externa**, v. 9, n. 1, jun/jul/ago 2000.

MARTIN, Vanessa. **Manual prático de eventos**. São Paulo: Atlas, 2003.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOTA, Rosiane Dias. **A Copa do Mundo como evento**. 2006. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?idconteudo=11681>> Acesso em: 15 mar 2010.

MUSEU. **A história da Taça Jules Rimet**. Disponível em: <<http://www.museudofutebol.com.br>> Acesso em: 2 mar 2010.

OLIVEIRA, Firmino Correia de. **Futebol, Carnaval e Mulata, identidade cultural do Brasil?! 2008**. Disponível em: <www.webartigos.com.br> Acesso em: 15 mar 2010.

OLIVEIRA, Odete Maria de. **Relações Internacionais**. Estudos de Introdução. Curitiba: Juruá. 2001.

PECEQUILO, Cristina S. **Introdução às Relações Internacionais**. Temas, atores e visões. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. São Paulo: L&PM, 1986.

PEREIRA, Analucia Danilevicz. **A política externa do governo Sarney**. Porto Alegre: Ufrgs, 2008.

QUADRO. **História as copas do mundo de futebol**. Disponível em: <<http://www.quadrodemedalhas.com.br>> Acesso em: 2 mar 2010.

RAMALHO DA ROCHA, Antonio J. O Brasil e os regimes internacionais. In: ALTEMANI, Henrique; LESSA, Antonio C. (Org.) **Relações internacionais do Brasil**. Temas e agendas. v. 2 São Paulo: Saraiva, 2006, p. 75.

REVISTA DUPLIPENSAR. **Como se escolhe um país para ser sede da Copa do Mundo?** Disponível em: <www.duplipensar.net> Acesso em: 5 mar 2010.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horiz. antropol.** v.14, n.30 Porto Alegre

July/Dec. 2008. Disponível em: <www.scielo.br> Acesso em: 5 mar 2010.

RICCI, Rudá. **A política externa de Lula**. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/19pra.htm>> Acesso em: 2 março 2010.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. **Reflexões sobre a Copa de 2014: o urgente e o básico**. Disponível em: <www.copa2014turismo.gov.br 2010> Acesso: 12 mar 2010.

SANTOVITO, Tereza C. **Copa-14: megaevento esportivo, chance especial para a promoção turística brasileira** Disponível em: <www.copa2014turismo.gov.br 2010> Acesso: 12 mar 2010.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **Dois anos da política externa de Lula**. 2005. Disponível em: <www.relnet.com.br> Acesso em: 15 mar 2010.

SARAIVA, José Flávio Sombra. Política exterior do Governo Lula: o desafio africano. **Rev. bras. polít. int.** v.45, n. 2, Brasília July/Dec. 2002

SILVA, Antonio Ozaí. Nacionalismo, racismo e futebol: razão e paixão. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 62, jul 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>> Acesso em: 15 mar 2010.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOUTO, Sérgio Montero. Construção da memória da copa de 50. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. INTERCOM. **XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Campo Grande (MS). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais>> Acesso em: 2 mar 2010.

SOUZA, Marcelo de. **Vitrine ou vidraça? O que o Brasil espera da Copa?** 2009 Disponível em: <www.copa2014.org.br/noticias/Noticia.aspx?> Acesso em: 2 mar 2010.

SP. **História do futebol**. 2008. Disponível em: <www.suapesquisa.com.br> Acesso em: 10 mar 2010.

THUSWOHL, Maurício. **A política externa não é um bibelô na vitrine do governo**. Disponível em: <<http://www.sigampost.com.br/profiles/blogs/a-politica-externa-nao-e-um>> Acesso em: 20 mar 2010.

TRAGTENBERG, Maurício. **Internacional:** Reunificação Alemã - Passado que não passa. 2006. Fundação Perseu Abramo. Disponível em: <www.fpa.org.br> Acesso em: 10 mar 2010.

VAZ, Alexandre Fernandez. Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Esporte e Sociedade Revista Digital**. ano 3, n.7, nov. 2007/fev. 2008 Disponível em: < <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/html/es102.h>> Acesso em: 2 mar 2010.

VIZENTINI, Paulo F. O G-3 e o G-20: o Brasil e as novas coalizões internacionais. In: ALTEMANI, Henrique; LESSA, Antonio C. (Org.) **Relações internacionais do Brasil**. Temas e agendas. v. 2 São Paulo: Saraiva, 2006, p. 159.

VIGEVANI, Tullo; OLIVEIRA, Marcelo F. de; CINTRA, Rodrigo. Política externa no período FHC: a busca de autonomia pela integração. **Tempo Soc.** v.15, n.2, São Paulo Nov. 2003